

UNAIDS 2020



Programa Conjunto das Nações Unidas
sobre HIV/AIDS



MINIONU



PUC Minas
Poços de Caldas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Departamento de Relações Internacionais

**UNAIDS (2020) - Programa Conjunto das Nações Unidas
sobre HIV/AIDS**

Ana Carolina Zappa De Carli Meireles Rabello
Diretora

Isabela Cavalmoretti
Diretora Assistente

Juliana Saleme
Diretora Assistente

Maria Fernanda Muniz
Diretora Assistente

Bruna de Oliveira Monteiro
Voluntária

Júlia Panissi
Voluntária

Poços de Caldas
2021

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA	4
1.1 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	4
1.2 A pandemia do Covid-19 e a epidemia do HIV como desafios internacionais.....	6
1.3 Os Sistemas de Saúde no Mundo.....	9
1.4 A crise ao combate à epidemia do HIV.....	11
2.0 APRESENTAÇÃO DO COMITÊ.....	12
3.0 QUESTÕES RELEVANTES PARA O DEBATE.....	14
4.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

1.0 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A Conferência organizada pelo UNAIDS (2020) tem por objetivo evidenciar os vínculos entre o HIV e a pandemia do Covid-19 afim de buscar uma resposta global que seja eficaz a saúde pública, da qual englobe as comunidades afetadas, além de ser baseada nos direitos humanos. A Conferência também buscará ressaltar o cruzamento estratégico da resposta à Aids com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), conjunto de objetivos organizados na Conferência das Nações Unidas, afim de suprir os desafios ambientais, políticos e econômicos mais alarmantes que a sociedade internacional enfrenta. As crescentes desigualdades e a intolerância à diversidade também serão importantes questões a serem debatidas na Conferência, pois representam um enorme obstáculo à prevenção do HIV, assim como a questão dos divergentes sistemas de saúde presentes nos países.

Para que haja uma melhor compreensão acerca das questões a serem debatidos na Conferência, é indispensável que nos aprofundemos em alguns pontos extremamente relevantes para nossa discussão, como: Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e sua relação com a Aids no cruzamento de pontos estratégicos, os diferentes sistemas de saúde no mundo e o acesso a medicamentos no que tange o combate às epidemias, a pandemia do Covid-19 e sua relação com a epidemia do HIV e, por fim, o processo histórico do HIV com relação as crescentes desigualdades e a intolerância a diversidade como uma resposta negativa ao seu combate.

1.1 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

No decorrer da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada do dia 20 ao dia 22 de junho no ano de 2012, sediada na cidade do Rio de Janeiro e conhecida como Rio+20, foi determinado que um conjunto de metas seria desenvolvido ao longo do debate entre os atores internacionais. Essas metas universais seriam voltadas para a promoção do desenvolvimento sustentável, e de outras áreas, além de terem como base as premissas dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), dos quais o prazo final de alcance estava marcado para o fim de 2015.

Em 1987, o conceito de ‘desenvolvimento sustentável’ apareceu pela primeira vez na Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento criada pelas Nações Unidas, no intuito de discutir e propor formas de unificar o desenvolvimento econômico

com a conservação ambiental. De maneira direta, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o desenvolvimento sustentável seria “o desenvolvimento capaz de atender às necessidades da geração atual sem prejudicar a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas necessidades”. (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO- PNUD, 2015).

No que concerne o ODM, é importante ressaltar que um de seus principais pontos envolvem o combate ao HIV/AIDS² e de outras doenças, algo que viria a refletir na formação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Após a Conferência do Rio+20, um expansivo sistema de consulta passou a ser desenvolvido sobre questões de interesse global afim de contribuir e financiar a formação de uma agenda de desenvolvimento pós 2015. Os objetivos da agenda deveriam ser voltados para três importantes dimensões: social, ambiental e econômica. A partir de múltiplas contribuições, em setembro de 2015 uma proposta foi formada, onde a “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” foi adotada por 193 países, todos Estados membros da ONU. Dessa maneira, uma lista de ‘tarefas’ foi apresentada no objetivo de colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até o ano de 2030. (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO- PNUD, 2015).

Esta agenda reflete a interdependência e complexidade de um mundo que caminha em direção a uma mudança necessitando de uma ação coletiva. Dessa forma, a resposta a epidemia da Aids não seria uma exceção, principalmente pelo fato de que ela não terá um fim sem abordar importantes determinantes de saúde e desigualdade. Com isso, evidenciasse a necessidade de expor as necessidades dos públicos que convivem com o vírus e que contam com o risco de infecção por HIV. Por se encontrarem em comunidades vulneráveis e por serem afetadas pela desigualdade, discriminação e instabilidade, as preocupações dessas pessoas se encontram no centro de esforços para o desenvolvimento sustentável. (UNAIDS, 2020).

As lições ensinadas na resposta à Aids são fundamentais no progresso dos ODS. A resposta a epidemia trouxe avanços em diversas questões como o direito à saúde, acesso a produtos básicos, igualdade de gênero, sistemas de informação em saúde e segurança social. Ao acumular experiência sobre as normas sociais consolidadas, de exclusão social e barreiras legais que prejudicam os resultados de saúde e desenvolvimento, a resposta ao HIV e sua abordagem de investimento está sendo cada vez mais utilizada no aumento de

² HIV é uma sigla inglesa para ‘Human Immunodeficiency Virus’. Aids, no que lhe concerne, refere-se a ‘Acquired Immune Deficiency Syndrome’, que em português significa Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

ganhos em saúde e desenvolvimento global. Portanto, a resposta à Aids pode liderar o impulsionamento de cruzamentos estratégicos com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), além de difundir as lições aprendidas nas últimas três décadas de progresso. (UNAIDS, 2020).

Com relação aos pontos do ODS em uma ação conjunta com a Aids, pode-se citar: erradicação da pobreza, fome zero, saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero, trabalho decente e crescimento econômico, redução das desigualdades, cidades sustentáveis, instituições eficazes e, por fim, parcerias e meios de implementação. Com o cruzamento dos pontos estratégicos, seria possível a análise do impacto desses determinados pontos na epidemia e na busca por uma resposta ao HIV, além de observar o impacto do HIV no andamento do rumo ao alcance desses ODS. Portanto, seria realizável compreender e evidenciar as oportunidades para a contribuição intersectorial em direção aos objetivos compartilhadas para 2030.

1.2 A pandemia do Covid-19 e a epidemia do HIV como desafios internacionais

A recente pandemia do Covid-19³, acabou por se tornar uns dos maiores desafios do século XXI, onde o planeta tende a passar por uma crise sanitária e humanitária testando o ser humano em diversos setores. A epidemia acomete mais de 100 países e territórios nos cinco continentes presentes no globo. No que concerne sua origem, o coronavírus é uma doença infectocontagiosa que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), teve seu primeiro caso na cidade de Wuhan na China. Primeiramente, acreditava-se que o novo vírus se originou em um mercado de frutos do mar em Wuhan disseminando-se rapidamente a partir deste ambiente. Posteriormente, foi analisado que o vírus estaria relacionado com o BatCoV RaTG13⁴ encontrado em morcegos.

Como os morcegos não são comercializados na cidade chinesa, não seria possível afirmar que o vírus tivesse surgido neste local. A partir de algumas pesquisas realizadas, mesmo sem a comprovação de dados, especulava-se que o vírus foi passado de morcegos para os pangolins e, desses hospedeiros, para o ser humano. Com sua grande expansão no

³ Vírus zoonótico, um RNA vírus da ordem Nidovirales, da família Coronaviridae. Está é a família de vírus que causa infecções respiratórias. Doença causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Do inglês seria: 'Severe Acute Respiratory Syndrome-associated Coronavirus'.

⁴ O bastão RaTG13 é um coronavírus SARS-relacionado que contamina primeiramente bastões. O vírus RaTG13, é encontrado nos morcegos 'Rhinolophus affinis'.

globo e seu nível de fatalidade, torna-se incontestável a importância da discussão a cerca da relação entre a epidemia da Aids e do COVID-19, sendo que ambas, de certa forma, tornaram-se grandes desafios para a comunidade internacional.

No ano de 1993, Richard Krause, médico norte-americano, apresentava sua visão de que as doenças consideradas infecciosas seriam um perigo permanente a todos os países, independentemente do nível de desenvolvimento econômico e de suas condições sanitárias. Tempos antes do impacto da epidemia da Aids, visões como a de Krause colocavam em ‘risco’ uma das principais teses na saúde pública da segunda metade do século XX, da qual tinha como foco o prognóstico da eliminação e diminuição das doenças vindas de questões como a urbanização. Dessa maneira, as epidemias poderiam ser evitadas através do avanço da tecnologia, da propagação da universalização do saneamento básico e pelo desenvolvimento das vacinas e dos antibióticos. A partir dessa perspectiva, a relevância das doenças contagiosas nas maiores potências seria diminuída, sendo que as doenças dos períodos de carência cederiam espaço, de modo inevitável, para as doenças da abundância. (LIMA; BUSS; PAES-SOUSA, 2020).

A pandemia magnifica as tensões dilacerantes da organização social do nosso tempo: globalizada nas trocas econômicas, mas enfraquecida como projeto político global, interconectada digitalmente, porém impregnada de desinformação, à beira de colapso ambiental, mas predominantemente não sustentável, carente de ideais políticos, mas tão avessa à política e a projetos comuns. A pandemia nos coloca diante do espelho, que nos revela um mundo atravessado por muitas crises e carente de mudanças. (LIMA; BUSS; PAES-SOUSA, 2020, p. 1).

Outro ponto importante a ser destacado seria o de que, em muitos outros países, a distribuição desigual nos padrões epidemiológicos prevaleceria demonstrando que o domínio das doenças infecciosas, da desnutrição e da fome, além da baixa expectativa de vida, seria inversamente proporcional ao tamanho do desenvolvimento econômico dos países. A pandemia do COVID-19 trouxe à tona a percepção de que o mundo estaria mais vulnerável à ocorrência e à disseminação mundial das doenças já conhecidas, como o HIV, e novas, como a questão do Corona. A integração e globalização das economias no mundo todo permitiu que determinadas mudanças sociais fossem favoráveis aos contágio de doenças infecciosas. Com isso, ocorria a grande concentração populacional urbana, a população mais pobre passou a habitar lugares com acesso limitado ao saneamento básico, dentre outros fatores que permitem o crescimento da “globalização da doença”,

como no caso do Corona Vírus. (LIMA; BUSS; PAES-SOUSA, 2020).

O HIV e a COVID-19 se diferem em muitos aspectos, mas também compartilham características importantes, cada uma emergindo como uma doença mal compreendida com opções de tratamento e prevenção limitadas, uma rápida propagação em todo o mundo, um impacto desproporcional sobre os mais vulneráveis e a causa de profundas tensões nos sistemas e economias de saúde e apoio social. Ao incorporar as principais lições do HIV, a resposta global ao COVID-19 pode adotar uma curva de aprendizado rápida e contínua, evitar erros precoces e reduzir o impacto negativo na saúde pública. (UNAIDS, 2020, p. 6, tradução nossa⁵).

Em um novo relatório⁶ da UNAIDS, foi apresentado de que maneira os países que lutam contra a atual pandemia do COVID-19 estão usando a experiência e a infraestrutura da alternativa à Aids para garantir uma resposta mais viável e promissora a ambas as doenças. O relatório evidencia que, ao identificar as mudanças dinâmicas necessárias, sistemas que são considerados mais inclusivos, eficazes e com recursos necessários passam a ser mais encontrados. A UNAIDS buscou destacar de que forma a resposta ao HIV poderia auxiliar no impulsionamento por uma resposta mais rápida à COVID-19. Dessa maneira, da mesma forma que o mundo busca esforços focados na diminuição da atual pandemia, também há de haver o redobramento dos esforços para limitar qualquer obstáculo além de promover a recuperação dos serviços voltados para o HIV, essa ação incluía a garantia de suprimentos contínuos de importantes produtos e tecnologias fundamentais para o HIV e outras prioridades globais de saúde. (UNAIDS, 2020).

As experiências obtidas com a epidemia do HIV oferecem orientações importantes para o COVID-19. É notável que há diferenças entre ambas as doenças, incluindo o modo de transmissão, período de incubação e infecciosidade, dentre outras questões. No entanto, as lições aprendidas podem ser usadas na luta contra a pandemia na construção do compromisso político, no engajamento das comunidades, priorização das pesquisas, mobilização de setores além da saúde e respostas fundamentadas nos princípios da igualdade dos direitos humanos. Com isso, ao mesmo tempo que as alternativas do novo

⁵ HIV and COVID-19 differ in many respects, but they also share important characteristics, each emerging as a poorly understood disease with limited treatment and prevention options, a rapid spread throughout the world, a disproportionate impact on the most vulnerable and the cause of profound stresses on health and social support systems and economies. By incorporating key lessons from HIV, the global response to COVID-19 can adopt a rapid and continuous learning curve, avoid early errors and reduce the negative impact on public health.

⁶ Relatório de 2020 feito pela UNAIDS e nomeado de, no português, “COVID-19 e HIV: 1 momento, 2 epidemias, 3 oportunidades—como aproveitar o momento para aprender, alavancar e construir um novo caminho para a saúde e direitos de todas as pessoas.”

vírus levam em conta os direitos humanos e as lições de igualdade da resposta ao HIV, elas também devem tomar ciência do trabalho inacabado da resposta ao HIV, principalmente com relação as consequências prejudiciais das estruturas legais e das políticas punitivas sobre os esforços de controle de doenças.

1.3 Os Sistemas de Saúde no mundo

A epidemia do HIV/AIDS e a pandemia do COVID-19 representam grandes desafios para desenvolvimento e a estabilidade dos países que englobam o sistema internacional. O combate a essas doenças acabaram por representar um dos maiores desafios as políticas internacionais e nacionais da saúde pública. Países como os EUA, China e África Sul possuem diferentes tipos de desenvolvimento, onde há uma grande disparidade de renda de cada país. Os países menos desenvolvidos possuem muitas limitações críticas de governança, além contarem com a baixa capacidade de implementar determinadas políticas públicas de saúde, que sejam eficazes, gerando bons resultados a população.

Com relação ao acesso a medicamentos, a realidade acerca do Sistema Mundo⁷ evidencia o crescente acirramento das desigualdades entre todos os países, sejam eles definidos como centrais ou periféricos, e entre as classes sociais. Diante disso, o controle da indústria farmacêutica internacional por países desenvolvidos demonstra a grande dependência tecnológica do setor farmacêutico dos mais pobres em relação às grandes companhias multinacionais. Esse domínio de mercado no setor farmacêutico consiste desde o fornecimento de insumos básicos até a produção de medicamentos. A inovação farmacêutica presente nos países mais ricos, influencia na criação de empregos além de estimular o avanço da tecnologia e representar uma importante fonte de renda para estes países. A pobreza e a desigualdade na distribuição da riqueza nos países demonstram que muitos ainda não têm acesso às mais simples intervenções de saúde. (TORRES, 1983).

No que concerne a discussão acerca da aplicação dos tratados sobre propriedade industrial no acesso a medicamentos para o tratamento da Aids, as patentes servem como importantes ferramentas utilizadas para proteger invenções e garantir o desenvolvimento

⁷O Sistema Mundo trata-se de uma teoria desenvolvida pelo sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein, onde ele evidencia a imensa desigualdade entre os países dividindo o mundo em três níveis hierárquico: centro, periferia e semi-periferia.

tecnológico, o sistema de patentes consiste no direito de impedir que terceiros explorem a invenção sem consentimento do inventor. Esse sistema aumenta cada vez mais a distância e o percurso a ser percorrido entre os países industrializados e os em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Portanto, aqueles que possuem maior capacidade de obterem recursos para a pesquisa gerando mais inovação que, por sua vez, através da proteção das patentes, proporciona mais recursos, acabam por criar um círculo vicioso que consiste cada vez mais em benefícios para os países desenvolvidos em prejuízo dos menos industrializados. (TORRES, 1983).

Diante das ameaças apresentadas pelas duas doenças, vivenciamos um momento que demanda uma resposta coordenada das instituições de saúde em uma escala mundial. Para fornecer um melhor atendimento e tratamento para a população, seria necessário a criação de fluxos específicos, disponibilizar insumos como máscaras e até mesmo o desenvolvimento de novos hospitais de campanha. O SUS, por exemplo, é considerado um dos melhores sistemas de saúde do mundo e, com relação a pandemia do COVID-19, até o início de março contava com uma média de 262 leitos de UTI para cada 100 mil habitantes, o que coloca o Brasil à frente de muitos países que encaram a pandemia de forma mais dramática, como a Itália. Em breve, o SUS sentiria a demanda com muito mais força fortalecendo ainda mais a ideia de que o público e o privado deverão se unir no enfrentamento da doença. Portanto, uma das principais lições a serem levadas seria a necessidade de debater o investimento em gestão de saúde como uma pauta central. (TORELLY, 2020).

Com relação ao HIV/AIDS, segundo dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), mesmo com os inúmeros avanços quanto ao diagnóstico e ao tratamento dos pacientes, mais de 38 milhões de pessoas vivem com a doença no mundo, sendo que apenas 25,4 milhões dessas pessoas tem acesso à terapia antirretroviral. Muitos países do globo ainda contam com a precariedade de seus sistemas de saúde, para medir a incidência da Aids e de outras doenças infecciosas que acabam por atingir um grande número de pessoas no âmbito global. Até o fim de 2019, estimasse que 32,7 milhões de pessoas morreram de doenças vinculadas à Aids desde o início da epidemia. Com isso, tem-se como importante ponto para o debate os diferentes sistemas de saúde ao redor do mundo, principalmente com relação a sua funcionalidade e como uma resposta necessária as ambas doenças.

⁸As Agências copatrocinadoras do UNAIDS são: ACNUR, UNICEF, PMA, PNUD, UNFPA, UNODC, OIT, UNESCO, ONU-Mulheres, OPAS/OMS e Banco Mundial.

1.4 A crise ao combate à epidemia do HIV

Quando se trata do debate acerca do HIV/AIDS é necessário detalhar o tema, tendo em vista que muitas pessoas ainda se encontram na desinformação e seguem presos a estigmas e preconceitos ligados a doença há quase quatro décadas, desde de sua formação. Os primeiros casos confirmados, foram identificados em pessoas discriminadas socialmente. Infelizmente, as primeiras campanhas de prevenção também estimularam o preconceito e a discriminação, algo que provocou a exclusão social desses grupos gerando preconceito, individualismo e estigmatização. Diferente da geração dos anos 80, que via a Aids como “uma doença dos homossexuais”, os jovens dos anos 90 conheceram a Aids como uma doença grave, porém crônica, relacionada às práticas sexuais desprotegidas, em que as biografias das pessoas convivendo com a doença estão entre a sociedade. (HELFENSTEIN, 2016; DINIZ, 2011).

A AIDS, mesmo antes de se tornar numericamente expressiva no país, rapidamente tornou-se assunto de conversação cotidiana, provocando enorme mobilização, fortemente emocional. Lidando com questões complexas nas áreas da sexualidade e da morte, o assunto conseguiu incendiar a imaginação popular. Sobre a AIDS colocaram-se preconceitos. Desse modo, há já um "conhecimento" da doença muito difundido, onde algumas informações básicas se organizam num corpo de preconceitos, dando origem frequentemente a atitudes discriminatórias. (LEIDE, 1991, p.3).

O estigma e a discriminação tornaram-se uns dos principais obstáculos para a prevenção, tratamento e o cuidado em relação ao HIV. Pesquisas evidenciam que esses fatores tem prejudicado os esforços no combate a epidemia do HIV, ao fazer com muitas pessoas tenham medo de buscar informações, serviços e métodos que possam reduzir o risco de infecção e de adotar determinados comportamentos com receio de que sejam levantadas suspeitas em relação ao seu estado sorológico. O medo da violência também pode ser considerado um obstáculo, pois desencoraja as pessoas que convivem com o HIV a revelar sua sorologia até mesmo para sua família e seus parceiros sexuais, além também prejudicar na habilidade das pessoas em aderir o tratamento. (UNAIDS, 2020).

O conceito de estigma relacionado ao HIV, refere-se as crenças, atitudes e sentimentos negativos com relação as pessoas que convivem com a doença, seja também com relação aos seus familiares e pessoas próximas. Os sentimentos negativos também

⁸As Agências copatrocinadoras do UNAIDS são: ACNUR, UNICEF, PMA, PNUD, UNFPA, UNODC, OIT, UNESCO, ONU-Mulheres, OPAS/OMS e Banco Mundial.

são voltados as populações-chaves, que estão com maior risco de infecção, como gays e outros homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo, travestis e transexuais. No que tange o conceito de discriminação ligada ao HIV, refere-se ao tratamento desigual somado a injustiça, por omissão ou ação, de um indivíduo baseado em seu estado de HIV real ou percebido. A discriminação, nesse sentido, também inclui a desigualdade com as populações mais afetadas pela epidemia. As discriminações voltadas para o HIV normalmente baseiam-se em atitudes e crenças em atitudes e crenças estigmatizadas no que concerne os comportamentos, grupos, sexo, doenças e morte. (UNAIDS, 2020).

Dessa maneira, a discriminação pode ser até mesmo institucionalizada pelas leis, políticas e práticas que acabam por focar de forma negativa em pessoas que vivem com o HIV e em grupos marginalizados. Em virtude da interferência entre a Aids e as visões éticas, políticas e religiosas, em virtude de sua função de revelador de fenômenos vistos como marginalizados e considerados tabus, a doença mobiliza sentimentos e preconceitos que acabam por causar uma crise ao combate à epidemia do HIV/AIDS. (LEIDE, 1991).

2.0 APRESENTAÇÃO DO COMITÊ

O Comitê UNAIDS, também conhecido por *Joint United Nations Program on HIV/AIDS*, trata-se de um comitê realizado pela Organização das Nações Unidas nos dias 1 a 3 de dezembro de 2020. O Programa surgiu de uma parceria estabelecida pela resolução do Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC) com o objetivo de ajudar no combate mundial a epidemia da Aids. O Comitê reúne os recursos do Secretariado do UNAIDS e de onze Agências Copatrocinadoras⁸ na formação de esforços coordenados e especializados para unificar a comunidade internacional contra a Aids. O UNAIDS iniciou suas atividades em janeiro de 1996, sendo ele guiado por uma Junta de Coordenação de Programas (PCB) que engloba representantes de 22 governos de todos os continentes do planeta, das Agências Copatrocinadoras e de cinco representantes de organizações não-governamentais, incluindo as comunidades de pessoas que convivem com o HIV. (UNAIDS, 2012).

Desde os anos 90, a comunidade global para a Aids mobilizou um aumento nos recursos para a resposta ao HIV em países com rendas menores e médias. Inicialmente, o período de descoberta da doença, buscavam-se, de maneira efetiva, fatores de risco

⁸As Agências copatrocinadoras do UNAIDS são: ACNUR, UNICEF, PMA, PNUD, UNFPA, UNODC, OIT, UNESCO, ONU-Mulheres, OPAS/OMS e Banco Mundial.

associáveis a esse novo vírus. Os primeiros casos foram reconhecidos nos Estados Unidos em pessoas discriminadas socialmente, o que expandia cada vez mais o conceito de “fator de risco” além de contribuir para que a doença fosse entendida como a “doença do outro”. Por ser pouco conhecida, o HIV/AIDS era rodeado por um enorme preconceito e pela falta de informação, fora as dificuldades encontradas no tratamento da doença. Dessa maneira, com os avanços nos casos do HIV, o debate acerca da doença passou a ganhar mais forças em outras áreas, como nas questões políticas e econômicas. (HELFENSTEIN, 2016).

Com esse cenário, o programa UNAIDS em uma parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e com outros órgãos internacionais, passou a divulgar relatórios que demonstravam a quantidade de jovens infectados pelo HIV a cada dia, além de números que apresentam as milhões de pessoas que convivem com vírus da Aids atualmente ao redor do mundo. Posto o cenário apresentado até aqui, deve-se levar em conta o grande número de pessoas que convivem com o vírus e se encontram em comunidades mais precárias e vulneráveis. Localizadas principalmente nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, grande parte situada no Continente Africano, a população que se encontra com o vírus morre muitas vezes devido as complicações em decorrência do agravamento do quadro de saúde dos pacientes, uma vez que nem todos contam com o acesso aos medicamentos necessários devido os altos preços e a dificuldade dos governos de realizarem programas nacionais que sejam eficazes ao tratamento. Dessa maneira, a UNAIDS busca diminuir a gravidade dos problemas de saúde pública que são notáveis nos países tidos como periféricos e semiperiféricos. (UNAIDS, 2013).

A principal missão da UNAIDS seria o de liderar e incentivar o mundo a alcançar o acesso universal à prevenção, tratamento, atenção e apoio ao HIV. Dentre seus principais objetivos, o Programa busca unir os esforços dos Sistemas da ONU, da sociedade civil, dos governos, de instituições globais e de pessoas que vivem com a doença, mobilizar recursos políticos, científicos e financeiros mantendo sempre a sua responsabilidade e a de outros pela prestação de contas ligadas aos compromissos assumidos, empoderar agentes de mudança com informação estratégica e evidências para influenciar e garantir que os recursos sejam alocados nos lugares de maior impacto e, por fim, apoiar a liderança inclusiva dos países para respostas sustentáveis que sejam ligadas à saúde e aos esforços de desenvolvimento nacional. (UNAIDS, 2012).

O Conselho Coordenador do Programa (PCB) é o órgão que rege o Programa da UNAIDS. Ele é composto por 22 estados-membros votantes, 10 copatrocinadores e 10

representantes de organizações não governamentais, sendo um delegado e um suplente de cinco regiões. O Comitê foi o primeiro programa da ONU a possuir uma sociedade civil formalmente representada em seu corpo diretivo. A Delegação da ONG para o Conselho de Coordenação do Programa UNAIDS (PCB) tem uma função tripla, sendo que uma delas seria de participar de forma objetiva e independentemente do funcionamento e da tomada de decisão do PCB. (UNAIDS PCB, 2014).

3.0 QUESTÕES RELEVANTES PARA O DEBATE

É desejável que, na conclusão das sessões, os delegados tenham debatido as seguintes questões:

1- A resposta à AIDS pode liderar estratégias em conjunto com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), dos quais envolvem a erradicação da pobreza, o combate à fome, a igualdade de gênero, dentre outras importantes questões. As preocupações das pessoas que vivem com o HIV devem estar no centro dos esforços para o desenvolvimento sustentável. Dessa maneira, quais decisões podem ser tomadas relacionando o combate a AIDS e os ODS?

2- O combate às epidemias representa um dos maiores desafios as políticas de saúde pública. Os países menos desenvolvidos contam com precários sistemas de saúde, além de não assegurarem acesso a determinados tipos de medicamentos às suas populações. Que ações devem ser tomadas pelos países com relação a esse problema?

3- Muitas das experiências aprendidas com a epidemia de HIV podem vir a serem aplicadas no combate à COVID-19. Frente aos desafios resultantes da pandemia e das atuais abordagens de autoproteção e de distanciamento social, que medidas os governos devem tomar ao trabalharem com comunidades de pessoas que estão vivendo com o HIV e se encontram vulneráveis ao vírus?

4- As crescentes desigualdades e a intolerância à diversidade resultam em uma crise de prevenção do HIV. Com isso, há a necessidade de romper barreiras que excluem as pessoas de seus direitos. Que respostas ao HIV, voltadas para a questão dos direitos humanos, podem ser promovidas pelos delegados?

4.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DINIZ, Debora. **Aids tem preconceito?** 2011. Disponível em:
<<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,aids-tem-preconceito,806280>> Acesso em:
10 de jan

FONSECA, Luiz Augusto M. **A epidemia de AIDS na China: uma situação potencialmente explosiva?** Revista da Associação Médica Brasileira. São Paulo, v. 48, n. 3, p. 188, Sept. 2002.

GRECO, Dirceu Bartolomeu. **Trinta anos de enfrentamento à epidemia da Aids no Brasil, 1985-2015.** Revista Ciência & Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 21(5):1553-1564, 2016.

HEIFENSTEIN, Marcella Diana A. da Rocha. **HISTÓRIA SOCIAL DA AIDS NO MUNDO: A VULNERABILIDADE DOS SUJEITOS.** Revista Científica do ITAPAC. Araguaína, v.9, n.1, fev, 2016.

LEIDE, Eni C. Silva. **AIDS E PRECONCEITO: Uma Abordagem Psicossocial.** São Paulo, 1991.

LIMA, Nísia Trindade; BUSS, Paulo Marchiori; PAES-SOUSA, Rômulo. **A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária.** Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 7, 2020.

MACHADO, Fernanda F; BARBOSA, Leandro T; DAHER, Mayara P; RIBEIRO, Osmar H; TERUO, Saulo T. **ÁFRICA DE ONTEM, ÁFRICA DE HOJE, RESQUÍCIOS DE PERMANÊNCIA?** Revista História Contemporânea. Viçosa, n.2, mai-out, 2008.

MARQUES, Fabrício. **O fim da epidemia da AIDS?** 2019. Disponível em:
<<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-fim-da-epidemia-de-aids/>> Acesso em: 14 de jan

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PROTOCOLO CLÍNICO E DIRETRIZES TERAPÊUTICAS PARA MANEJO DA INFECÇÃO PELO HIV EM ADULTOS.** 2018. Brasília, 1º ed, p. 412.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** 2015. Disponível em:
<<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/sustainable-development-goals.html>>
Acesso em: 21 de dez

SAGGIORO, Ana; CHAGAS, Caroline; ALBUQUERQUE, Renata. **COVID-19 NO CONTINENTE AFRICANO: IMPACTOS, RESPOSTAS E DESAFIOS.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, n.21, jul, 2020.]

TORELLY, Fernando. **Os impactos da Covid-19 na transformação do sistema de saúde.** 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/os-impactos-da-covid-19-na-transformacao-do-sistema-de-saude/>> Acesso em: 12 de jan

TORRES, Norberto Antônio. **Patentes como instrumento de aumento da dependência tecnológica e econômica: estudo da indústria farmacêutica.** Rev. adm. empres. São Paulo, v. 23, n. 3, p. 41-56, Sept. 1983.

UNAIDS Brasil. **A ONU e a resposta à aids no Brasil.** Brasília: Coordenação das Nações Unidas no Brasil, 2012.

UNAIDS PCB. **About Programme Coordinating Board.** 2014. Disponível em: <<https://unaidspcbngo.org/about/aboutpcb/>> Acesso em: 13 de jan

UNAIDS. **A resposta à AIDS na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável: trabalho conjunto, ganhos compartilhados.** 2020. Disponível em: <<https://unaids.org.br/aids-ods/>> Acesso em: 19 de dez

UNAIDS. **COVID-19 AND HIV: 1 MOMENT, 2 EPIDEMICS, 3 OPPORTUNITIES - How to seize the moment to learn, leverage and build a new way forward for everyone's health and rights.** Geneva: UNAIDS; 2020.

UNAIDS. **Estigma e Discriminação.** 2020. Disponível em: <<https://unaids.org.br/estigma-e-discriminacao/>> Acesso em: 10 de jan

UNAIDS. **NASCIDOS LIVRES E IGUAIS: Orientação Sexual e Identidade de Gênero no Regime Internacional de Direitos Humanos.** 2013. Disponível em: <https://www.ohchr.org/Documents/Publications/BornFreeAndEqualLowRes_Portuguese.pdf> Acesso em: 10 de jan

XIMÉNEZ, Pablo S. **Coronavírus leva ao limite o caótico sistema de saúde dos Estados Unidos.** 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-29/coronavirus-leva-ao-limite-o-caotico-sistema-de-saude-dos-estados-unidos.html>> Acesso em: 12 de jan